**Lucas Drumond Moraes - 9042042**

**Prof. Marcos Natali**

**Literatura e Educação**

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

À Escuta: Jean-Luc Nancy

Minha dificuldade em responder este texto tem como causa, de certa forma, o próprio autor. Este é meu primeiro contato com Jean-Luc Nancy, então, antes de conhecê-lo, achei estranho a citação dele de que: "*Nestas constatações, que retomo por minha conta, há sem dúvida mais de empirismo que de construção teórica.*". A ausência da construção teórica, como informada pelo próprio filósofo, é algo que me incomodou, porém, após ponderar sobre o motivo, acredito que possa ser por não haver de fato um corpus teórico, e que o autor é um pioneiro neste assunto. Depois de ir pesquisar sobre o autor e conhecê-lo melhor, tenho certeza de que ele é mais capacitado para explicar sobre sua obra do que eu, o que exclui a possibilidade de que ele seja apenas um ser qualquer falando achismos.

Por mais que Jean-Luc Nancy não aborde isto em seu texto, acredito que este é um dos fatores que me impulsiona para o ato de escutar (neste caso, no sentido de dar a atenção) quem fala: parece que uma hierarquia é muitas vezes necessária para que uma ideia seja transmitida precisamente (com menos ruído possível, é claro, sem excluir o ponto de vista daquele que escuta). Ao contrário do que escreve Jean-Luc Nancy, isto pode ser um fator individual que é um ponto de referência (mais negativo do que positivo) apenas sobre aquele que escreve, no caso, eu.

Acreditando que o próprio autor e toda sua trajetória é sua própria construção teórica, decidi prosseguir com o texto além deste atrito inicial. E não me arrependo de ter feito isto. Ele faz diversas constatações sobre, principalmente, dois sentidos: a visão e a audição, dois instrumentos necessários para diversas experiências sensíveis, seja em uso conjunto, como no cinema ou teatro, seja em uso isolado, como em pinturas e na música. Entitulo como "isolado" porque, por exemplo, não sei se existe um eco da visão imperceptível na música, que seria notável apenas na experiência da arte para um cego, então considerei estes instrumentos artísticos como fins a que se chegam com uma única ferramenta sensorial (acredito estar errado, para ser sincero, mas não tenho informações a respeito).

Uma das informações mais relevantes do texto retirada por mim é a de que a audição, e todo o aspecto harmonico que existe no ato de informar que se escuta, não é passível de interrupção, confirmando que se escuta o tempo todo, mesmo quando se pede espaço para filosofar. Na obra de John Cage entitulada *4'33*, o ponto de referência da obra seria escutar o que não é considerado "arte" no sentido clássico, mas também podemos extrair a informação de que a interrupção deste sentido não é possível, bem semelhante a sensibilidade do tato, que só seria possível se nos suspendessemos do mundo. "*O ouvido não tem pálpebra*", é uma das informações dada por ele para confirmar que não existe a possibilidade de se abster deste sentido.

A complexidade do último parágrafo é gigantesca para mim, e eu não sei se consegui compreende-lo. Eu discordo de sua afirmação de que o sujeito à escuta não é um sujeito filosófico, e a exceção dada por ele para negar esta afirmação não me pareceu muito clara. Este seria meu grito de socorro: o que ele quer dizer com "*ele não é porventura nenhum sujeito, a menos que este seja o lugar da ressonância, da tensão e de seus rebates infinitos, a amplitude do desdobramento sonoro e a minúcia de seu simultâneo redobramento*"????